ISSN: 2358-8829

A CONSTRUÇÃO DO NORDESTE NA ADAPTAÇÃO QUADRINÍSTICA DE "MORTE E VIDA SEVERINA", DE MIGUEL FALCÃO

Thalita Santos Silva [1]
Maria Edi Ramalho [2]
Bruno Santos Melo [3]

1 INTRODUÇÃO

A adaptação em quadrinhos de *Morte e Vida Severina*, realizada por Miguel Falcão (2009), estabelece um diálogo entre a literatura e a linguagem visual. O poema dramático de João Cabral de Melo Neto, escrito em 1955 e denominado pelo autor como um "auto de Natal pernambucano", narra a trajetória de Severino, um retirante que deixa o sertão em busca de melhores condições de vida. Durante o percurso em direção ao litoral, o protagonista encontra situações que revelam a pobreza, a desigualdade social e a presença constante da morte, aspectos retomados na HQ por meio da articulação entre texto e imagem.

A representação do Nordeste na obra exige atenção às escolhas estéticas e aos sentidos construídos ao longo da narrativa. Embora as dificuldades enfrentadas pelos retirantes constituam um aspecto central do poema, essa representação está vinculada à crítica social desenvolvida pelo autor e não deve ser tomada como uma definição da região em sua totalidade. Nesse sentido, a análise da adaptação permite compreender como os recursos visuais participam da construção de sentidos sobre o sertão e as condições de vida dos personagens. Conforme Yamaguti (2014), a adaptação literária para os quadrinhos envolve a releitura do texto em outra linguagem, com recursos próprios de construção narrativa.

Nesse campo, destaca-se o estudo de Bruno Santos Melo e Beatriz Araújo Costa (2025), intitulado *Morte e vida severina em quadrinhos: uma leitura das adaptações de Miguel Falcão (2009) e Odyr Bernardi (2024)*, publicado na revista *Darandina*. Ao

[1] Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual- PB, silvathay236@gmail.com;
[2] Graduada do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual- PB, ediramalho@gmail.com;
[3] Doutor e pós-doutorando (FAPESQ/PB) pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Professor substituto de Literatura na Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA/UEPB). bsantosletras@gmail.com

ISSN: 2358-8829

abordar as duas adaptações, os autores contribuem para a discussão sobre a transposição do poema de João Cabral de Melo Neto para a linguagem dos quadrinhos. Em diálogo com essa pesquisa, este artigo direciona o olhar especificamente para a construção do Nordeste na versão de Miguel Falcão, considerando as particularidades da linguagem visual e sua relação com o texto literário.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar como o Nordeste e a condição do retirante são representados na HQ *Morte e Vida Severina*, considerando a composição da capa, os cenários, a repetição visual dos personagens, a presença da morte e o nascimento como contraponto à trajetória de sofrimento. Para essa discussão, são consideradas as contribuições de McCloud (2005), acerca da relação entre palavras e imagens, e de Yamaguti (2014), sobre a adaptação literária para os quadrinhos, em diálogo com o estudo de Melo e Costa (2025).

2 METODOLOGIA

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, desenvolvida a partir da análise da HQ *Morte e Vida Severina*, de Miguel Falcão. A investigação concentra-se na observação dos elementos visuais e verbais que participam da construção de sentidos na obra, considerando aspectos como a composição da capa, a representação do sertão, a repetição dos personagens, a presença da morte e o nascimento como contraponto à realidade de sofrimento apresentada ao longo da narrativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

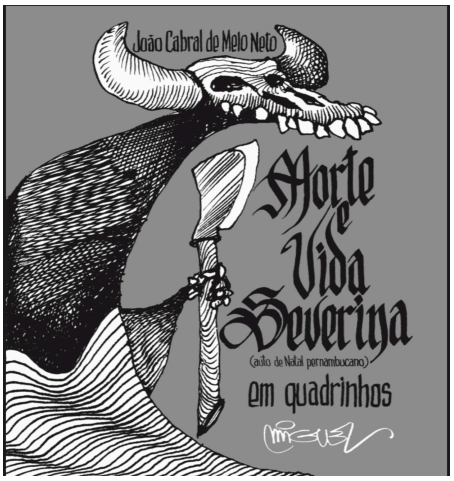
3.1 A construção do Nordeste na HQ Morte e Vida Severina

3.1.1 A capa como antecipação da narrativa

A capa da HQ *Morte e Vida Severina*, de Miguel Falcão, apresenta uma coloração roxa, enquanto a contracapa, objeto de análise desta seção, é composta em preto e branco e traz uma imagem semelhante à carcaça de um boi. Essa distinção é importante para compreender a composição visual da obra, uma vez que cada parte apresenta elementos que contribuem para a construção de sentidos. Na contracapa, a imagem do animal estabelece uma relação com a morte e com o espaço sertanejo

representado na narrativa, antecipando aspectos da realidade social retratada no auto de João Cabral de Melo Neto.

Figura 1 – Capa interior da HQ com caveira e foice, simbolizando a Morte Severina.



Fonte: Falcão (2009, p.7).

A imagem que se assemelha à carcaça de um boi ganha destaque por sua relação com as condições de vida representadas na obra. Essa escolha visual dialoga com o auto de João Cabral de Melo Neto, no qual a seca, a pobreza e as dificuldades enfrentadas pelos retirantes fazem parte da realidade social retratada. A imagem do animal remete às condições adversas desse espaço e contribui para antecipar os conflitos que atravessam a trajetória de Severino. Desse modo, a composição visual não apenas apresenta a obra, mas também estabelece relações com seus principais temas.

A representação da carcaça do boi, entretanto, exige atenção ao contexto histórico e social da narrativa. Embora a imagem remeta às dificuldades enfrentadas pelos retirantes, é importante não interpretar essa representação como uma definição do Nordeste em sua totalidade. Historicamente, a associação da região exclusivamente à seca, à miséria e à morte contribuiu para a construção de imagens estereotipadas sobre sua população e suas condições de vida. Na HQ, porém, esses elementos estão relacionados à realidade social representada no auto, cuja crítica se volta para as desigualdades e para as dificuldades enfrentadas por aqueles que precisam abandonar sua terra em busca de melhores condições de sobrevivência.

Essa distinção torna-se especialmente importante quando a obra é interpretada nos dias atuais. O Nordeste contemporâneo apresenta uma diversidade de paisagens, culturas e experiências sociais que não pode ser reduzida às condições de sofrimento

ISSN: 2358-8829

representadas na narrativa. Assim, a análise da contracapa deve considerar o contexto específico da obra, reconhecendo que a adaptação de Miguel Falcão recupera elementos fundamentais do texto de João Cabral de Melo Neto sem que essa representação precise ser tomada como um retrato abrangente da região na atualidade.

A relação entre os elementos visuais e a construção de sentidos pode ser compreendida a partir das reflexões de McCloud (2005), que define as histórias em quadrinhos como uma linguagem organizada por meio de imagens em sequência. Segundo o autor, elas são constituídas por "imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada, destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador" (McCloud, 2005, p. 9).

Essa definição contribui para compreender que os elementos visuais da HQ não estão presentes apenas para ilustrar o texto literário. A escolha das cores, a disposição das figuras e a representação dos elementos associados à morte participam da construção narrativa e orientam as possibilidades de interpretação do leitor. Nesse sentido, a capa roxa e a contracapa em preto e branco constituem aspectos relevantes para a compreensão da composição visual da adaptação, enquanto a imagem da carcaça do boi permite estabelecer relações com a realidade social retratada na obra.

Portanto, a capa e a contracapa desempenham um papel importante na apresentação do universo temático da HQ. Na contracapa, a imagem da carcaça do boi estabelece uma relação com a morte e com as condições de vida dos retirantes, enquanto as escolhas visuais contribuem para a construção de uma atmosfera relacionada à realidade social retratada no auto. Ao considerar o contexto da narrativa, é possível compreender esses elementos como parte da crítica social presente na obra, sem transformar a representação de uma realidade histórica específica em uma definição generalizada do Nordeste.

3.1.2 O sertão nordestino como espaço de aridez e desigualdade

O sertão nordestino é uma região do interior do Nordeste brasileiro marcada, em muitas de suas áreas, pelo clima semiárido, pelas chuvas irregulares e pelos períodos prolongados de estiagem. Historicamente, essas condições, somadas à concentração de terras e às desigualdades sociais, contribuíram para dificultar as condições de vida de parte da população sertaneja, especialmente daquela que depende da agricultura para

sobreviver. É nesse contexto que se desenvolve a trajetória de Severino, personagem que deixa sua terra em busca de melhores condições de vida.

Na HQ, o sertão nordestino não aparece como um simples pano de fundo, mas como um elemento importante para compreender a caminhada do protagonista. Repetidamente, os quadros mostram Severino atravessando paisagens áridas, compostas por árvores secas, pedras, chão rachado e horizontes longos e vazios. Esses elementos visuais dialogam com a realidade social retratada na obra, marcada pela pobreza, pela falta de oportunidades e pela luta pela sobrevivência.

Figura 2 – Quadros mostrando Severino caminhando pelo sertão árido.



Fonte: Falcão (2009, p.14).

Essa repetição visual ecoa os versos do poema:

> [...] Somos muitos Severinos/iguais em tudo na vida:/na mesma cabeça grande/que a custo se equilibra,/no mesmo ventre crescido/sobre as mesmas pernas finas/e iguais também porque o sangue,/que usamos tem pouca tinta (Melo Neto, 2007, p. 9).

Se o poema de João Cabral de Melo Neto utiliza a repetição dos versos e a cadência rítmica para expressar a dureza da existência dos retirantes, na adaptação de Miguel Falcão esses aspectos também podem ser percebidos na construção visual da narrativa. O uso do preto e branco, os contrastes entre luz e sombra e a repetição de traços na representação dos personagens contribuem para construir uma atmosfera de aridez e sofrimento. Nesse sentido, o desenho não funciona apenas como acompanhamento do texto poético, mas participa da construção dos sentidos da obra.

ISSN: 2358-8829

Essa característica também é observada por Melo e Costa (2025), que destacam a maneira como Falcão preserva a organização dos versos na adaptação. Segundo os autores, “o leitor acompanha a cadência rítmica e a organização da narrativa sem grandes modificações na forma textual” (Melo; Costa, 2025, p. 302). Essa observação permite compreender que a adaptação mantém aspectos da estrutura poética original ao mesmo tempo que acrescenta recursos próprios da linguagem dos quadrinhos. Assim, a experiência de leitura é construída pela articulação entre os versos de João Cabral e as escolhas visuais de Miguel Falcão.

A representação de Severino também merece atenção. Seus traços, associados à caracterização dos demais retirantes, contribuem para reforçar a dimensão coletiva do protagonista. Conforme discutem Melo e Costa (2025), a construção visual de Severino evita uma individualização acentuada, aproximando-o dos outros personagens que compartilham condições semelhantes de existência. Dessa maneira, ele não representa apenas uma trajetória individual, mas também a experiência de uma coletividade marcada pela desigualdade social e pela necessidade de migrar em busca de sobrevivência.

Uma comparação com a adaptação de Odyr Bernardi (2024) permite perceber como uma mesma obra pode produzir diferentes efeitos por meio de escolhas visuais distintas. Enquanto Falcão utiliza o preto e branco e um traço marcado, preservando de maneira mais próxima a estrutura do poema, Odyr recorre à aquarela, às cores e a uma composição visual mais livre. Como observam Melo e Costa (2025), a versão de Odyr confere maior protagonismo à imagem na construção dos sentidos. Essa diferença não significa que uma adaptação seja superior à outra, mas evidencia as possibilidades de interpretação que surgem quando uma obra literária é recriada em outra linguagem.

Desse modo, a relação entre o ritmo poético e a composição visual permite compreender como a adaptação de Miguel Falcão traduz aspectos da escrita cabralina para os quadrinhos. A repetição dos versos, os contrastes visuais e a representação coletiva dos retirantes contribuem para expressar a dureza das condições sociais retratadas no auto. Ao mesmo tempo, a comparação com a obra de Odyr evidencia que diferentes escolhas estéticas podem ampliar as possibilidades de leitura de *Morte e Vida Severina*, mantendo em destaque a trajetória do retirante e a crítica às desigualdades sociais.

Figura 3 – Close no rosto de Severino, marcado pelo cansaço e sofrimento.

ISSN: 2358-8829



Fonte: Falcão (2009, p.18).

O sertão nordestino, portanto, é representado na HQ como um espaço que ultrapassa suas características físicas e assume um significado social e simbólico. As paisagens áridas, os caminhos percorridos e o rosto cansado de Severino (Figura 3) evidenciam o sofrimento do retirante, marcado pela pobreza, pela falta de oportunidades e pela busca por condições dignas de vida. Nesse sentido, a representação visual do sertão dialoga com a perspectiva de Geertz (2015), para quem a cultura pode ser compreendida a partir dos significados construídos socialmente. Assim, os elementos visuais da HQ contribuem para representar não apenas as dificuldades enfrentadas por Severino, mas também as condições sociais que aproximam sua trajetória da de tantos outros retirantes. O sofrimento do protagonista, portanto, ultrapassa a experiência individual e expressa uma realidade coletiva, sem que isso signifique reduzir o sertão nordestino à seca e à miséria.

3.1.3 A coletividade dos Severinos

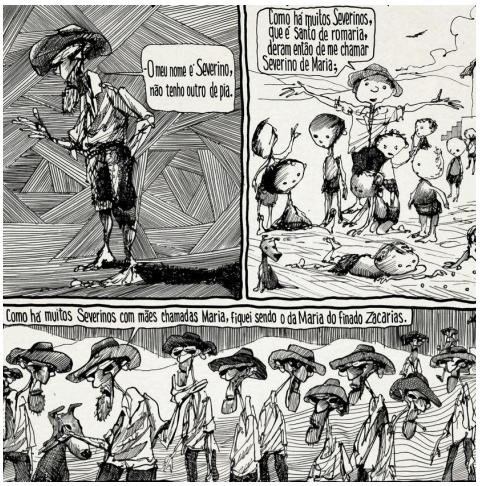
Um dos pontos mais marcantes da obra é a ideia de que o protagonista, Severino, não é apenas um indivíduo, mas a síntese de um povo inteiro. No poema, essa noção aparece nos versos:

> O meu nome é Severino/não tenho outro de pia/Como há muitos Severinos/que é santo de romaria/deram então de me chamar/ Severino de Maria/como há muitos Severinos/com a mães chamada Maria/fiquei sendo o da Maria/do finado Zacarias.
> (Melo Neto, 2007, p. 9)

Na HQ, Miguel Falcão representa vários Severinos com características semelhantes, destacando a dimensão coletiva da experiência do retirante

Figura 4 – Vários Severinos lado a lado, representando a coletividade.

ISSN: 2358-8829



Fonte: Falcão (2009, p.9).

A composição visual contribui para a construção de sentidos na adaptação, aspecto que pode ser relacionado à reflexão de McCloud (2005, p. 135), segundo a qual "as palavras podem pegar imagens aparentemente neutras e colorir nelas uma infinidade de sensações e experiências". Na figura, a semelhança entre os personagens dialoga com os versos de João Cabral de Melo Neto, que ressaltam a experiência compartilhada pelos Severino:

> E se somos Severinos/iguais em tudo na vida/morremos de morte igual/mesma morte Severina.
> (Melo Neto, 2007, p. 9).

A HQ acentua esse aspecto coletivo, tornando visível a invisibilidade social dos retirantes. O que no poema é construído pela palavra, aqui se traduz na multiplicação de corpos desenhados, formando uma massa anônima de Severinos.

3.1.4 Entre a morte e a vida: a trajetória de Severino

Em *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, a trajetória do protagonista é marcada pela busca por melhores condições de vida. Severino é um retirante que deixa o sertão pernambucano e segue em direção ao litoral, na esperança de encontrar um lugar onde possa viver com mais dignidade. Ao longo do caminho, porém, depara-se com situações que revelam a presença constante da morte, relacionada à fome, à doença, à violência e às condições precárias de sobrevivência. Nos encontros que acontecem durante a viagem, o protagonista percebe que sua experiência não é isolada: outros sujeitos também enfrentam dificuldades semelhantes, o que torna sua caminhada uma representação de problemas sociais que ultrapassam sua história individual.

Ao chegar ao Recife, Severino não encontra a vida que imaginava. Diante da persistência das dificuldades, chega a considerar a possibilidade de interromper a própria existência. É nesse momento que o nascimento de uma criança, anunciado por moradores da comunidade, altera o rumo do desfecho. A chegada do menino não elimina as condições de pobreza que atravessam a narrativa, mas introduz uma possibilidade de continuidade da vida. Desse modo, a obra constrói uma tensão entre a morte, presente em grande parte da caminhada, e a vida, que se manifesta como uma possibilidade de resistência.

Na adaptação em quadrinhos de Miguel, essa tensão é construída tanto pela narrativa quanto pelos elementos visuais. Desde a capa, marcada pela imagem da caveira com a foice, até as cenas que acompanham o percurso de Severino, a morte aparece como uma presença recorrente. Cemitérios e cruzes espalhadas pela paisagem reforçam essa representação, como mostra a Figura 5.

Figura 5 – Quadros de cemitérios e cruzes espalhadas pelo sertão.



Fonte: Falcão (2009, p.27).

A morte não é apenas um evento final, mas uma condição permanente. Como diz João Cabral:

> E a morte que nos mata/de velhice antes dos trinta/ de emboscada antes dos vinte/de fome um pouco por dia/ (de fraqueza e de doença/ é que a morte Severina/ ataca qualquer idade/ e até gente não nascida).
> (Melo Neto, 2007, p. 10).

A representação visual amplia a percepção do sofrimento presente no poema, pois as cruzes e os espaços funerários tornam mais concreta a presença da morte ao longo da narrativa. Essa relação entre linguagens também permite compreender a adaptação como uma produção que apresenta características próprias. Como observa Yamaguti (2014, p. 448), ao discutir as adaptações literárias em quadrinhos, “desta forma lidamos com duas obras, apesar de ambas terem o mesmo enredo”. Essa reflexão

contribui para compreender que a HQ de Miguel Falcão não se limita a reproduzir os versos de João Cabral, mas também constrói sentidos por meio de suas escolhas visuais.

Apesar da presença constante da morte, a obra reserva um momento decisivo para o nascimento. O poema termina com a chegada de uma criança, que representa a esperança e a possibilidade de continuidade da vida. Na HQ, essa cena é cuidadosamente representada: uma mulher, em um ambiente simples, dá à luz em meio à comunidade.

Figura 6 – Cena do nascimento da criança, símbolo de esperança em meio à miséria.



Fonte: Falcão (2009, p.39).

O nascimento dialoga com os versos finais do poema, nos quais a vida responde à pergunta de Severino sobre o sentido de continuar vivendo:

> é difícil defender/só com palavras, a vida/ainda mais quando ela é/esta que vê, Severina/mas se responder não pude/à pergunta que fazia/ela/vida, a respondeu/com sua presença viva.
> (Melo Neto, 2007, p. 29).

A aproximação entre a morte e o nascimento evidencia uma das questões centrais da obra: mesmo diante das dificuldades que marcam a trajetória de Severino, a vida continua. O nascimento não elimina os problemas apresentados ao longo da narrativa, mas introduz uma possibilidade de continuidade e resistência. Assim, o final retoma o contraste anunciado pelo título *Morte e Vida Severina* e amplia a reflexão sobre as condições sociais que atravessam a experiência do protagonista.

ISSN: 2358-8829

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da adaptação em quadrinhos de *Morte e Vida Severina*, realizada por Miguel Falcão, evidencia como a articulação entre elementos visuais e verbais participa da construção do Nordeste na obra. A capa, os cenários, a repetição dos personagens, os corpos marcados pelo sofrimento e a presença recorrente da morte contribuem para representar a trajetória de Severino e as desigualdades sociais que atravessam sua caminhada. Esses elementos não aparecem de forma isolada, mas se relacionam na construção de uma narrativa em que a experiência individual do protagonista também revela uma realidade compartilhada por outros retirantes.

A capa desempenha um papel importante nesse processo, pois antecipa aspectos que serão desenvolvidos ao longo da narrativa. A caveira e a foice anunciam a presença da morte, enquanto o boi contribui para situar o leitor no universo sertanejo. Essa composição visual estabelece um primeiro contato com a obra e orienta a leitura dos elementos que reaparecem no decorrer da história. Dessa forma, a construção de sentidos começa antes mesmo do desenvolvimento do enredo, por meio de imagens que despertam expectativas e estabelecem relações com os temas centrais do poema.

A análise também demonstra que a HQ não se limita a ilustrar o texto de João Cabral de Melo Neto. Miguel Falcão mobiliza recursos próprios da linguagem dos quadrinhos, como o preto e branco, a repetição de imagens, os enquadramentos, a organização dos quadros e os silêncios, para construir uma narrativa visual que dialoga com a estrutura e os sentidos do poema. A repetição dos Severinos, por exemplo, destaca o caráter coletivo da experiência dos retirantes, enquanto a recorrência de cemitérios, cruzes e corpos fragilizados reforça a presença da morte ao longo da caminhada. Em contraponto, o nascimento no desfecho introduz a continuidade da vida, sem apagar as dificuldades sociais apresentadas pela narrativa.

Essas escolhas estéticas permitem compreender que a representação do Nordeste na obra está relacionada a um contexto histórico e social marcado pela desigualdade, pela pobreza e pelas dificuldades enfrentadas pelos retirantes. Entretanto, essa representação não deve ser tomada como uma definição única da região ou de seus habitantes. O sertão construído na narrativa corresponde ao universo específico da obra e à crítica social desenvolvida por João Cabral de Melo Neto, cuja força é retomada e

reelaborada pela adaptação visual. Desse modo, a análise considera não apenas aquilo que as imagens mostram, mas também como elas participam da construção de sentidos sobre o espaço, os personagens e suas condições de existência.

Conclui-se, portanto, que a adaptação de *Morte e Vida Severina* realizada por Miguel Falcão constitui uma produção artística que estabelece um diálogo próprio com o poema original. Ao articular palavra e imagem, a HQ preserva questões centrais da narrativa e, ao mesmo tempo, amplia suas possibilidades de interpretação por meio dos recursos visuais. A análise evidencia, assim, a importância de considerar as especificidades de cada linguagem na leitura de adaptações literárias, reconhecendo que a passagem do poema para os quadrinhos não consiste apenas em reproduzir uma história, mas em reconstruí-la por meio de outras formas de expressão.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 1989.

McCLOUD, Scott**.** *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2005.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. *Morte e vida Severina.* Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

MELO, Bruno Santos; COSTA, Beatriz Araújo. Morte e vida severina em quadrinhos: uma leitura das adaptações de Miguel Falcão (2009) e Odyr Bernardi (2024). **Revista Darandina**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 283–304, 2025. DOI: 10.34019/1983-8379.2025.v18.49683. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/49683. Acesso em: 29 out. 2026.

YAMAGUTI, Vanessa. As adaptações literárias em quadrinhos selecionadas pelo PNBE: soluções e problemas na sala de aula. *Olh@res*, Guarulhos, v. 2, n. 1, p. 441–459, maio 2014.